

## O SETOR TÊXTIL NO BRASIL E A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA DO CAPITAL: ESTUDO DE CASO NO BAIRRO PAULISTANO DA MOOCA<sup>1</sup>

**Bibiana C. Rezende**

Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual Paulista *campus* de Presidente Prudente, São Paulo, Brasil.

E-mail: bibianarezende.c@hotmail.com

**Resumo:** Neste artigo é apresentado brevemente o setor de confecção têxtil no Brasil, tendo sido levantadas informações que permitiram traçar o perfil dos trabalhadores desse setor para a cidade de São Paulo. Para este trabalho foi realizado trabalho de campo na área de estudo, o bairro paulistano da Mooca, bem como entrevistas em sindicatos do setor, trabalhista e patronal. As leituras realizadas juntamente com as pesquisas de campo possibilitaram a compreensão de como a reestruturação produtiva do capital se fez e ainda se faz presente no setor têxtil, levando a concluir que o bairro da Mooca é um exemplo de como o capitalismo concorrencial característico dessa fase de reestruturação atinge os setores de produção.

**Palavras-chave:** Reestruturação produtiva; Setor têxtil; Trabalhadores; Mooca.

## THE TEXTILE SECTOR IN BRASIL AND THE CAPITAL PRODUCTIVE RESTRUCTURING: STUDYCASE OF SÃO PAULO'S MOOCA NEIGHBORHOOD

### Abstract

In this article is breathlly presented the textile sector of Brasil textile confection, through information gathering was possible to trace the profile of the workers of this productive sector in the city of São Paulo. For this work, fieldwork was carried out in the study area, Mooca neighborhood, as well as interviews with labor and employers unions of the textile sector. The literature allied with fiel research made possible the compreention of how the capital productive restructuring was made and still present in the textile sector, leading the conclusion of Mooca neighborhood is a example of how competitive capitalisme, characteristic of this restructuring phase, affects the production sectors.

**Keywords:** Productive restructuring; Textile sector; Workers; Mooca.

## EL SECTOR TEXTIL EN BRASIL Y LA REESTRUCTURACIÓN PRODUCTIVA DEL CAPITAL: ESTUDIO DE CASO EN EL BARRIO PAULISTANO DE LA MOOCA

### Resumen

En este artículo es contextualizado brevemente el sector textil en Brasil, a partir de informaciones que permitieron identificar el perfil de los trabajadores de ese sector en la ciudad de São Paulo y en el barrio de la Mooca. Fueron realizaos trabajos de campo en el área de estudio y aplicadas entrevistas en sindicatos del sector, laboral y patronal. Las lecturas realizadas junto con las indagaciones de campo posibilitaron comprender la reestructuración productiva del capital que se hizo y aún se hace presente en el sector textil, llevando a concluir que el barrio de Mooca es un

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso defendido em 2017, intitulado "OS ASPECTOS TERRITORIAIS E AS TERRITORIALIDADES DA CADEIA TÊXTIL NO PERÍODO DA GLOBALIZAÇÃO: UM ESTUDO DO BAIRRO PAULISTANO DA MOOCA", sob orientação do Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Marcelo Dornelis Carvalho.

ejemplo de cómo el capitalismo competitivo característico de esa fase de la reestructuración alcanza a los sectores de producción.

**Palabras clave:** Reestructuración productiva; Sector textil; Trabajadores; Mooca.

## **Introdução**

O presente artigo apresenta as consequências da reestruturação produtiva no setor têxtil, setor este que se mostra como exemplo dos setores de produção que foram atingidos pela precarização advinda de tal reestruturação e que vem sendo agravada pelas novas formas flexíveis de contratação de trabalho, incluindo a terceirização que está presente em grande parte das empresas desse setor. A reestruturação produtiva, que se inicia na década de 1970 e é notada mais acentuadamente a partir da década seguinte, tem como motivação a superação da crise no capitalismo, reestruturando então os setores de produção e consequentemente o mundo do trabalho.

Tal reestruturação é compreendida como uma investida contra as condições de trabalho, visando maior produtividade em menor tempo. Dessa forma o trabalho é intensificado, precarizado e flexibilizado, sendo essa última uma tendência que entra em ascensão, sobretudo, a partir da década de 1990. Sendo assim, a reestruturação produtiva pode ser compreendida como um marco no mundo do trabalho moderno, significando o início de uma nova fase onde autores, como Antunes (1999), apontam para uma mudança na morfologia do trabalho, onde o velho e o novo se encontram sobre a forma precarizada da flexibilização.

Para a compreensão do setor têxtil, considerando, sobretudo, a esfera trabalho no que se refere ao tema, foram levantados dados secundários de bancos de dados *on-line* para que fosse possível verificar e trazer para o cenário da cidade de São Paulo, onde se encontra a área de estudo em questão, o bairro da Mooca, as informações encontradas nas literaturas, bem como acompanhar a evolução do cenário têxtil ao longo das últimas três décadas, a partir da década de 1980 até a última década.

Serão apresentados também os trabalhos empíricos que foram realizados a fim de recolher dados primários, tendo sido realizada entrevistas em sindicatos do setor e visita ao bairro da Mooca, onde foram observadas algumas oficinais têxteis que ainda se encontram ali instaladas.

## **O setor têxtil na reestruturação produtiva do capital**

A confecção é uma parte da cadeia de produção têxtil, onde cada uma delas forma um complexo industrial, Colli (2000) apresenta essas partes do setor: produção de fibras artificiais ou químicas; fiação; tecelagem; acabamento; malharia; passamanaria; rendas; cordoaria; e por fim, a confecção, onde os tecidos são de fato transformados em peças, seja roupas ou toalhas, por exemplo. O setor de confecção é a parte da cadeia têxtil onde há menos automatização, sendo então necessário o intenso uso da força de trabalho manual, ou seja, trabalho vivo. A cadeia têxtil foi fortemente atingida pela nova forma de organização das fábricas, que passaram a ser divididas em células, onde cada célula é responsável por uma etapa da produção, característica da flexibilização da cadeia de produção dentro da reestruturação produtiva. Sendo assim, todos os trabalhadores de uma célula, ou de um setor, realizam basicamente a mesma função.

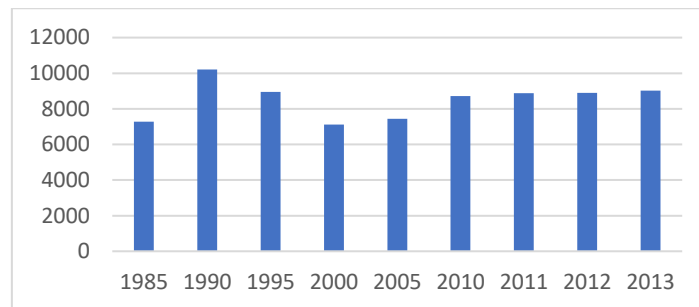
Apresentando a situação geral do setor têxtil, Colli (2000) afirma que no Brasil tratam-se, em sua maioria, de micro e pequenas empresas, pois, no ano de 1991 o setor se deparou com uma crise causada pela importação de tecidos que acarretou no fechamento de grande quantidade de indústrias do setor no país. Tal crise representa a fase de reestruturação produtiva do capital, onde uma das características é o aumento da competitividade tendo como ponto para essa competitividade os avanços tecnológicos e a introdução de maquinários cada vez mais modernos que barateiam e intensificam a produção (ALVES, 2000). Dessa forma, o Brasil, que é caracterizado como um país de industrialização tardia e de capitalismo dependente, ao se lançar no jogo competitivo com outros países acaba por perder espaço em setores como o têxtil, por exemplo.

Através da coleta de dados secundários no banco de dados Relação Anual de Informações Anuais (RAIS)<sup>2</sup> temos a quantidade de empresas no setor de confecção na cidade de São Paulo no período de 1985 a 2013, o período foi estabelecido, a fim de considerar o a ascensão da reestruturação produtiva no Brasil. Vale destacar que os números indicam apenas as empresas regulares, portanto, nenhum dado levantado através da RAIS apresenta situações irregulares. Para uma melhor visualização, os dados foram coletados com uma periodicidade de cinco anos.

---

<sup>2</sup> Os dados disponibilizados através da RAIS são originários do Ministério da Economia.

**Gráfico 1.** Empresas no subsetor da indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecido, entre os anos 1985 e 2013 na cidade de São Paulo

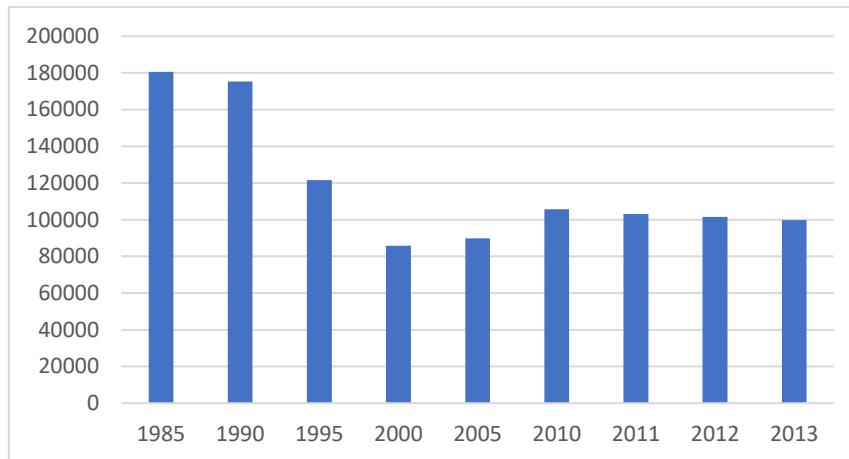


**Fonte:** RAIS/Organizado pela autora.

Através do Gráfico 1 observa-se que o ápice de empresas do setor têxtil em São Paulo foi no ano de 1990, com mais de 10.000 empresas registradas, sendo em 2000 a pior época do período analisado, tendo caído para pouco mais de 7.000 empresas. Segundo Colli (2000) em 1991 o setor sofre com uma crise que fecha as portas de grandes empresas que abrem espaço para micro e pequenas surgirem, através dos dados levantados constatou-se que no período assinalado pela autora, o número de empresas do setor em São Paulo de fato diminuiu, voltando a aumentar somente a partir de 2005, porém sem atingir os números de 1990, onde teve seu ápice.

A reestruturação produtiva implantada no Brasil gerou uma massa de desempregados, pois estes não se encontravam qualificados para trabalhar com o maquinário informatizado e tecnológico que as indústrias passaram a utilizar, bem como é consequência de uma das características da reestruturação produtiva do capital, as empresas enxutas, ou seja, com menor número de trabalhadores, intensificando o trabalho dos que permanecem empregados. Na indústria têxtil, entre os anos de 1989 e 1994, houve uma queda de 53% no nível de emprego, causada, segundo o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) por tal introdução de tecnologia no setor, tecnologia essa que não condizia com o perfil de qualificação dos trabalhadores. Essa situação se reverte em 1999, quando a desvalorização do real acarreta na retomada no crescimento do setor têxtil. (JINKINGS & AMORIM, 2006). Ou seja, os trabalhadores que não se encontravam qualificados para ocupar os cargos nas grandes empresas, foram utilizados nas micro e pequenas empresas do setor. O Gráfico 2 apresentado indica a quantidade de vínculos empregatícios no setor de confecção entre 1985 a 2013 na cidade de São Paulo.

**Gráfico 2.** Vínculo empregatício no subsetor da indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecido, entre os anos 1985 e 2013 na cidade de São Paulo



Fonte: RAIS/Organizado pela autora.

O Gráfico 2 mostra que a partir de 1985, e mais acentuadamente a partir de 1990, houve uma queda no número de trabalhadores do setor, estando de acordo com o que apresentam Jinkings & Amorim (2006), que afirmam que as políticas de abertura econômica de maneira indiscriminada que o Brasil adotou nos anos 1990, substituindo a produção nacional pela importação de produtos, ocasionou, em diversos setores produtivos, uma diminuição da produção levando à situação de desemprego estrutural (JINKINGS & AMORIM, 2006, p.339). Também neste período, a intensa introdução de tecnologia no setor teve como consequência a diminuição da quantidade de trabalhadores na produção, sendo um exemplo do que Antunes (1999) apresenta como substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto.

A partir de tais informações é possível traçarmos o cenário que gerou a intensa precarização do setor, cenário esse que se inicia antes mesmo dos anos 1990, mas que ganha força na mesma década. A reestruturação produtiva que gera uma massa de desempregados e a flexibilização do setor, abre margem para que ocorra a intensificação da precarização, oriunda, sobretudo, da intensa terceirização que o setor passa a sofrer a partir da década de 1990. A ampla utilização da terceirização da produção é também uma característica de tal reestruturação, Alves (2000) classifica a terceirização que ocorre no Brasil como terceirização espúria, onde são combinadas as inovações tecnológicas com as formas mais tradicionais de precarização.

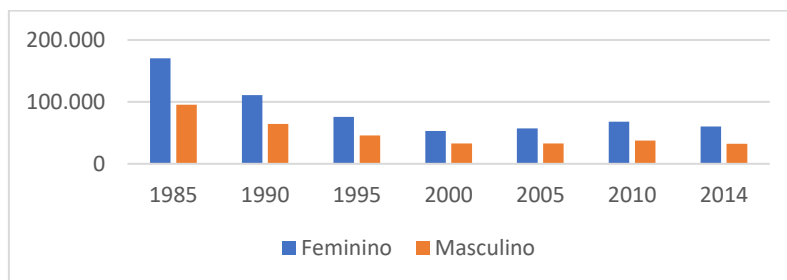
## O perfil dos trabalhadores do setor

O setor têxtil, sobretudo o de confecção, é o setor onde há o predomínio de trabalhadoras mulheres, pois trata-se do setor menos maquinizado dentro da cadeia de produção têxtil.

[...] as mulheres são maioria também no trabalho precarizado, que deriva das formas “flexíveis” de contratação. Nota-se que o setor mais terceirizado na linha de produção é a confecção, que utiliza o trabalho feminino de modo amplamente dominante. (JINKINGS & AMORIM, 2006, p. 355)

O Gráfico 3, apresenta o número de empregados do setor diferenciado pelo sexo, com intervalos de cinco anos, de 1985 a 2014, na cidade de São Paulo. Considerando os números em porcentagem a diferença entre homens e mulheres no setor não se mostra discrepante, porém com bases nas leituras e nas entrevistas realizadas, é possível afirmar que os dados não condizem com a realidade, pois no setor têxtil as mulheres somam mais de 90% dos trabalhadores.

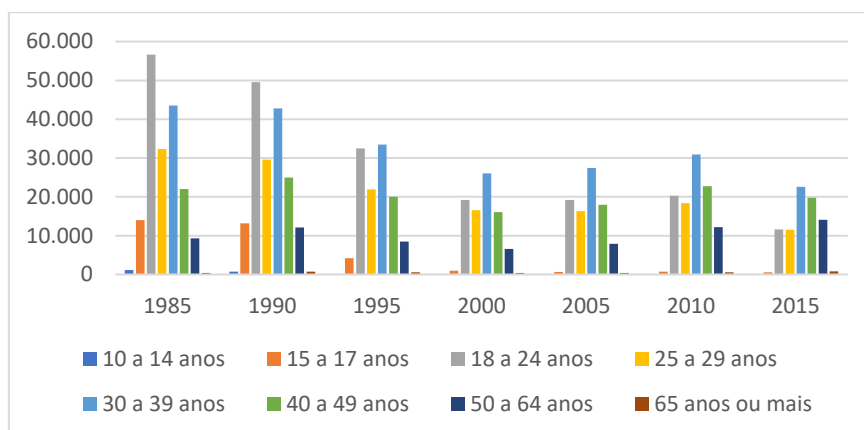
**Gráfico 3.** Vínculo empregatício por sexo no subsetor da indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecido, entre os anos 1985 e 2014 na cidade de São Paulo.



Fonte: RAIS/Organizado pela autora.

Foi levantada também a faixa etária desses trabalhadores do setor na cidade de São Paulo.

**Gráfico 4.** Faixa etária dos trabalhadores do subsetor da indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecido, entre os anos 1985 e 2015 na cidade de São Paulo.

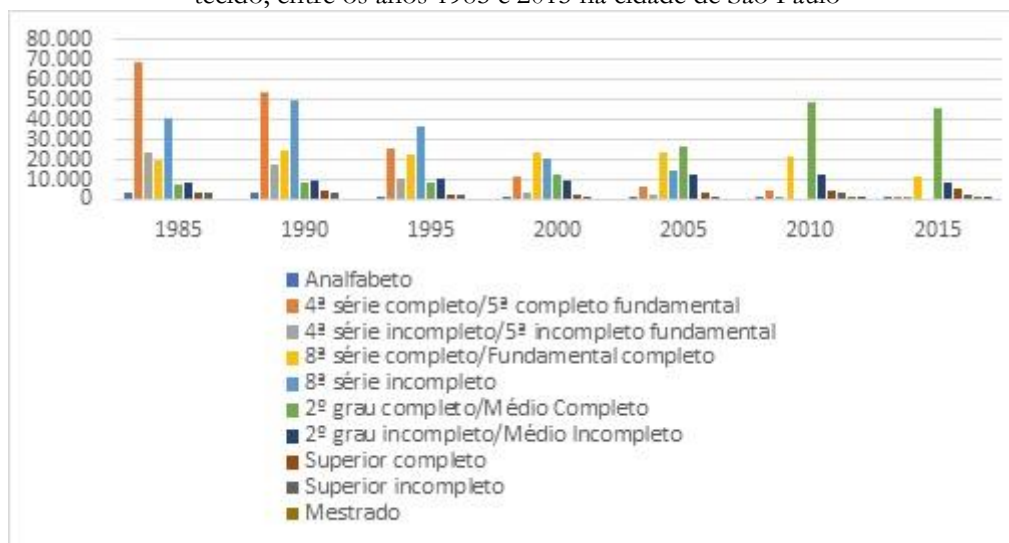


**Fonte:** RAIS/Elaborado pela autora.

Os dados levantados apontam que a faixa etária passou a mudar a partir de 2000, predominando no setor trabalhadores na faixa etária de 30 a 39 anos até o ano de 2015. Percebemos também que a quantidade de trabalhadores na faixa etária 18 a 24 anos, que predominava no setor de 1985 a 1990 diminuiu significativamente a partir de 1990, reafirmando o que foi relatado em entrevista nos sindicatos sobre o desinteresse de trabalhadores jovens pelo trabalho fabril e sendo substituídos por trabalhadores mais velhos. Outro fato a se ressaltar é que em 1990 o número de trabalhadores na faixa etária de 50 a 64 anos passava dos 10.000, diminuindo nos anos seguintes e voltando a aumentar em 2010, sendo necessário destacar que a idade mínima para mulheres se aposentar é 60 anos, considerando que o setor é composto majoritariamente por trabalhadoras. Necessário ainda é observar que o trabalho infantil (10-14 anos), mesmo que diminuindo consideravelmente, ainda ocorre.

Jinkings & Amorim (2006) apresentam também a escolaridade dos trabalhadores do setor, afirmando que no ano de 2001, 69% desses trabalhadores tinham apenas até a oitava série completa. Ainda através do banco de dados RAIS, foi possível conferir tal escolaridade, trazendo para o recorte do município de São Paulo, como é possível observar no Gráfico 5.

**Gráfico 5.** Escolaridade dos trabalhadores do subsetor da indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecido, entre os anos 1985 e 2015 na cidade de São Paulo



**Fonte:** RAIS/Elaborado pela autora.

Assim como Jinkings & Amorim (2006) apresentam em escala nacional, a cidade de São Paulo acompanha tais números, sendo a 8ª série a escolaridade da maior parte dos trabalhadores do setor no ano de 2000. No ano de 1985 a 1990 a maior parte dos trabalhadores do setor possuía apenas até a 4ª série completa, isso indica o que foi visto a partir das literaturas como o motivo do não preparo dos trabalhadores para manusear os maquinários tecnológicos e informatizados que foram inseridos no setor a partir desse período, sendo essa uma das causas atribuídas ao desemprego em massa sofrido na época. Podemos notar também que o número de trabalhadores com Ensino Médio completo só será superior às demais faixas de escolaridade a partir de 2005. Há ainda, a partir de 2005 a inserção de mestres e doutores no setor, porém não é possível distinguir quais cargos estes ocupam.

Na Tabela 1, também organizada a partir de dados secundários retirados da RAIS, observa-se algumas das nacionalidades mais encontradas no subsetor têxtil na cidade de São Paulo.

**Tabela 1.** Nacionalidade dos trabalhadores do subsetor têxtil na cidade de São Paulo entre os anos 2000 e 2015.

	2000	2005	2010	2015
Brasileira	85.371	89.233	104.646	78.514
Boliviana	122	279	699	1.705
Chilena	16	9	17	9
Chinesa	8	3	0	1



Haitiano	0	0	0	29
Coreana	26	21	47	58

**Fonte:** RAIS/Elaborado pela autora.

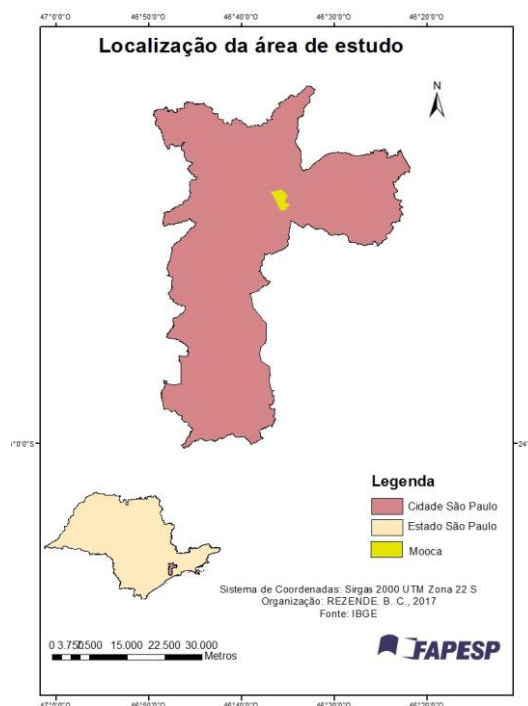
De acordo com os dados levantados os trabalhadores bolivianos compreendem a segunda nacionalidade mais presente no setor, seguidos pelos coreanos. Notamos também a presença de haitianos no ano de 2015, nacionalidade que não estava presente no setor formal têxtil anteriormente. O fato de os haitianos estarem se inserindo nesse setor foi mencionado durante a entrevista realizada no sindicato, e se deve, sobretudo, a imigração desses após o desastre que devastou o país em 2010, sendo o Brasil o principal destino desses imigrantes. É necessário ressaltar que os trabalhadores imigrantes estão inseridos em grande quantidade na informalidade, dessa forma, os números seriam deveras maiores caso fosse possível quantificar esses trabalhadores através do banco de dados.

A presença de imigrantes nas fábricas e oficinas é uma questão que merece ser destacada, pois estes trabalhadores tendem a ser inseridos nos setores mais precarizados, onde há maior intensidade de trabalho, mostrando como o capital se beneficia das migrações, sendo como já aponta Antunes (2013), a ponta do *iceberg* da precarização. O relato da entrevista no Sindicato dos Têxteis de São Paulo apresentará informações que compõem tal problemática.

### **O bairro paulistano da Mooca**

O bairro da Mooca, localizado na Zona Leste da cidade de São Paulo, surgiu através da intensa ocupação de italianos, italianos esses que ainda compreendem parcela significativa dos moradores do bairro. Ao caminhar pelo bairro ainda é possível observar muitas características da cultura italiana que persistem no mesmo, através das arquiteturas das casas, dos restaurantes ou dos nomes dos estabelecimentos. A Mooca possuía, até o ano de 2010, uma área de 7,70 km<sup>2</sup>, com população de 75.724 moradores (Censo 2010) e densidade demográfica de 9.834 habitantes por km<sup>2</sup>.

**Imagem 1.** Mapa de localização do bairro da Mooca



**Fonte:** IBGE/Elaborado pela autora.

Segundo o *site* da subprefeitura da Mooca, os primeiros registros do bairro datam de 1556, onde a governança de Santo André de Borda do Campo realizou uma convocação para a construção da ponte do rio Tamanduateí, que ligava a Zona Leste à Sé. Com a construção da ponte houve o adensamento populacional ao lado Leste da ponte, que culminou na fundação o bairro.

O surgimento do bairro não está desconectado com o surgimento da própria cidade de São Paulo, tendo passado pelos mesmos processos de transformações, sobretudo no final do século XIX e início do século XX. A instalação de duas ferrovias na Zona Leste, uma em 1868, chamada São Paulo Railway que ligava a cidade de São Paulo ao porto de Santos, e em 1875, a Estrada de Ferro do Norte, que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro contribui para o processo de urbanização dos bairros dessa parte da cidade, principalmente os bairros Belém e Mooca que passaram a residir fábricas atraídas pela proximidade com a linha férrea que contribuía para o escoamento do que era ali fabricado.

Para compor a mão de obra das indústrias que ali se instalaram, foram trazidos imigrantes que chegavam ao porto de Santos e eram encaminhados para a Casa da Imigração, que atualmente corresponde ao Museu dos Imigrantes. Como na maioria dos processos

urbanos que ocorreram no Brasil, os trabalhadores imigrantes trazidos para compor a massa de trabalhadores dessas indústrias passaram a residir próximo a estas, criando, com o passar do tempo, as feições de bairro, aumentando a população e desenvolvendo o comércio local. As indústrias, incentivadas pela proximidade da linha férrea, se instalam na Zona Leste, inclusive no bairro da Mooca, dentre essas indústrias estão incluídas as do setor têxtil. Ao visitar o bairro da Mooca fica claro que ainda há ali resquícios do passado têxtil, sendo possível encontrar no bairro ateliês tradicionais de costura, bem como pequenas lojas de fabricação própria. As rugosidades que permaneceram no bairro, como galpões industriais abandonados, localizados sobretudo próximos a linha férrea utilizada atualmente como estação de trem, sinalizam as características já apresentadas por Santos & Silveira (2000) do desenvolvimento urbano e industrial das regiões.

A fim de analisar as oficinas de confecção localizadas no bairro, bem como suas condições e características, foram levantadas 12 oficinas através do Google, ficando claro que se tratam apenas das oficinas registradas, não sendo, necessariamente, as únicas oficinas do bairro. A visita às oficinas de confecção do bairro da Mooca foi realizada visando a certificação da existência e condições das mesmas. Muitas dessas que foram levantadas Google e que fizeram parte do roteiro de visitas já não se encontram instaladas no endereço informado ou operam em prédios sem fachada. Em mais de uma ocasião, ao entrar nas lojas que se encontram à frente das oficinas, percebeu-se o desconforto das vendedoras ao serem questionadas sobre a fabricação das peças. Sendo assim, sem oportunidade para o levantamento de maiores informações no local, nos reservamos apenas da observação das mesmas.

Fica clara a tendência de oficinas de confecção têxtil no mesmo prédio das lojas, tratando-se por vezes de microempresas e em outras de apenas uma parte do processo produtivo, como no caso da primeira oficina visitada, a Lorsa Jeans, que apesar de aparentar se tratar de uma empresa média, flexibiliza sua produção, onde parte dela acontece em Avaré e parte em São Paulo, na Mooca.

Sendo assim, um bairro que outrora se caracterizava pela produção têxtil, atualmente possui apenas algumas pequenas oficinas que produzem para lojas localizadas no próprio bairro ou bairros próximos, como Bom Retiro, Brás e Lapa, confirmando o que foi relatado em entrevista no sindicato. Outras oficinas possuem características de atuarem na clandestinidade, como o caso de uma delas que apenas funcionava no período noturno, ou outra que possuía um homem vigiando a pequena porta de entrada, em sua maioria a

percepção da atividade que acontecia em seu interior é comprometida devido a oclusão das janelas.

### **Os sindicatos do setor têxtil: relato das entrevistas**

Para o presente trabalho foi proposta a realização de entrevistas juntos a sindicatos ligados ao setor têxtil na cidade de São Paulo. Realizou-se duas entrevistas, sendo uma no Sindivestuários, Sindicato da Moda, um sindicato patronal, e outra no Sindicato dos Têxteis de São Paulo, sindicato trabalhista ligado a Força Sindical. As entrevistas tiveram o formato semiestruturado, contendo questões abertas que visavam guiar a conversa.

O Sindivestuário, Sindicato da Moda, representa ao todo 22 mil indústrias do vestuário localizadas em diferentes cidades e nos diferentes estados, que empregam 250 mil trabalhadores. A entrevista teve por finalidade colaborar na compreensão do funcionamento do sindicato, sua atuação em casos de trabalho precário e aspectos conjunturais do setor têxtil, sendo concedida pela diretora jurídica do sindicato.

Através da entrevista foi relato que os sindicatos possuem dificuldades quando se trata da precarização do trabalho ou até mesmo trabalho escravo, pois não faz parte das suas ações a fiscalização das indústrias ou oficinas, ficando a cargo de outros órgãos ou associações, como a Associação Brasileira do Varejo Têxtil (ABVTEX), porém, segundo a entrevistada, tal fiscalização não é constante. Assim como no estudo desses locais de produção irregulares ou ilegais, a fiscalização dos mesmos é dificultada, pois estes não possuem registro, não existindo legalmente, sendo assim só é possível a fiscalização através de denúncias.

No que tange a prática de terceirização, a entrevistada aponta que a garantia de que a empresa de terceirização cumpra com as leis trabalhistas acontece através de contratos elaborados pelos sindicatos, porém, segundo a mesma, esses contratos não são feitos com a regularidade que deveriam, a cada coleção, por exemplo. Segundo a mesma as empresas que se utilizam da terceirização têm grande atenção para com essas, pois caso haja irregularidades é a empresa contratante que responde tanto judicialmente quanto no pagamento das multas estipuladas. Porém, vale lembrar que esse valor pago em multas pode ser alto quando se trata de uma pequena empresa, já no caso de grandes empresas e multinacionais, esses valores chegam a ser irrisórios comparados ao lucro das mesmas.

A segunda entrevista ocorreu no Sindicato dos Têxteis de São Paulo, localizado no bairro do Brás, realizada com o diretor adjunto jurídico e com o secretário de saúde,

segurança e meio ambiente no trabalho<sup>3</sup>. O sindicato abrange toda a cadeia têxtil, exceto a confecção, que faz parte de outro sindicato, essa separação, segundo os sindicalistas entrevistados, se deu no momento de criação dos mesmos. Dessa forma, quanto aos sindicatos dos trabalhadores, o setor têxtil possui três destes: o sindicato da tecelagem e malharia, de mestre e contramestre e da confecção.

A entrevista mostrou, através dos relatos dados pelos entrevistados a perda de atuação do Ministério do Trabalho e Ministério Público do Trabalho no que concede as fiscalizações, abrindo margem para precarizações e irregularidades no setor. Vale destacar que a entrevista foi realizada próxima à aprovação da contrarreforma Trabalhista de 2017<sup>4</sup>, quanto a tal fato o pensamento dos sindicalistas se mostrava otimista naquele momento, pois disseram acreditar que as mudanças trazidas pela reforma reacenderiam o espírito combativo dos trabalhadores e dos sindicatos.

O trabalho imigrante foi abordado, relacionado ao trabalho análogo a escravidão, sendo os trabalhadores bolivianos a maioria no setor de confecções inseridos nestas condições. Segundo os sindicalistas tais trabalhadores são, na grande maioria das vezes, trazidos para trabalhar em condições precárias e até análogas à escravidão por outros bolivianos agenciadores. A fiscalização de tais oficinas se dá através de denúncias, porém, quando comprovadas as mesmas e com o fechamento das oficinas, esses trabalhadores tendem a ser remanejados para outras oficinas nas mesmas condições de precariedade extrema, o que mostra que não há acompanhamento desses trabalhadores imigrantes por parte das forças responsáveis. Esse fato mostra também que estes trabalhadores se encontram sujeitos a tais condições, pois a eles costumam ser destinados os trabalhos mais precarizados.

Sobre a área de estudo da pesquisa, a Mooca, o sindicalista relata que o bairro já fora foco do setor têxtil há aproximadamente vinte anos atrás. Relata ainda que apenas o setor referente ao sindicato em questão possuía mais de 40 mil trabalhadores no bairro da Mooca e Carrão, hoje não possuem nenhum trabalhador da região vinculado ao sindicato. Ao ser questionado sobre a situação atual das empresas e fábricas que funcionavam no bairro, o sindicalista afirma que essas fecharam e migraram para o Nordeste, tornando a fechar posterior a migração. Sendo assim, segundo os entrevistados, a Mooca não possui nenhuma

---

<sup>3</sup> Como forma de identificar os entrevistados em suas falas utilizamos os codinomes “Entrevistado 1” e “Entrevistado 2”, quando necessário identificar as falas na íntegra.

<sup>4</sup> Se trata da Reforma Trabalhista que entrou em vigor no mês de novembro de 2017 e flexibilizou tanto os contratos quanto as condições de trabalho, significando, para a classe trabalhadora, uma perda dos direitos conquistados que constavam na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

relevância no setor têxtil atualmente, cenário contrário ao que fora nos anos 80 e 90. Um dos entrevistados relembra uma manifestação ocorrida com os trabalhadores da Alpargatas, em 1982, que era localizada na Mooca e possuía cerca de 8 mil trabalhadores, “[...] *foi uma greve feia mesmo, na base do cacete*” (Entrevistado 1). A greve em questão teve como motivo a ameaça de retirar o convênio que os trabalhadores possuíam com um supermercado e o “vale”, o adiantamento de parte do salário. A greve teve resultados positivos, tendo sido revertidos os cortes que a empresa havia anunciado.

Sobre o destino do que é produzido pelas fábricas do setor têxtil em São Paulo, é informado que boa parte é exportado para a Alemanha, Itália, EUA, e os produtos que suprem a demanda interna são importados da China. Valendo ressaltar que quanto a isso o sindicalista não se refere ao setor de confecção, ou seja, a peça finalizada, nas palavras do mesmo “*Nós estamos comprando o desemprego.*” (Entrevistado 1), se referindo à importação de produtos de outros países, como a China, que acarreta no fechamento de fábricas no Brasil. Quanto às vantagens que a cidade de São Paulo oferece para o setor têxtil, apesar de ter perdido muito espaço nesse setor, o sindicalista considera que a cidade não mais atrai as empresas e fábricas como outrora devido ao alto imposto cobrado na cidade, bem como devido à impossibilidade de utilizar o rio Tietê, como era possível outrora, tendo que tratar a água que utilizam na produção, o que leva muitas fábricas a migrarem para o Nordeste, por exemplo, “*No Nordeste, você se muda pra lá, o cara te dá terreno de graça, mão de obra barata, isenção [de imposto] de 30 anos...*” (Entrevistado 1). Os edifícios anteriormente usados por essas empresas e fábricas acabam sendo vendidos e incorporados na especulação imobiliária da cidade.

Sobre a rotatividade da mão de obra no setor, é informado que praticamente não o há devido à escassez de mão de obra fabril “[...] *hoje uma empresa não vai mandar um tecelão de 20 anos [de trabalho] para pegar outro, até preparar o outro...*” (Entrevistado, 1). Sobre a modernização no maquinário, essa questão é considerada como uma questão dualista, pois, por um lado moderniza a produção, por outro causa o desemprego, no que antes era necessário até seis trabalhadores para a produção, com as máquinas é necessário apenas um para manuseá-la, ou até mesmo um único trabalhador encarregado de diversas máquinas “*os caras falam: máquina é bom que não pede aumento, não vai no banheiro...*” (Entrevistado 1). Trata-se de um claro exemplo do processo de substituição de trabalho vivo pelo trabalho morto, característico da reestruturação produtiva do capital.

Questionado sobre as reformas trabalhistas propostas pelo governo<sup>5</sup>, o sindicalista afirma estarem todos “no escuro”, onde ninguém sabe ao certo quais serão as consequências, sabendo apenas que no que tange os trabalhadores, tais reformas significarão grandes perdas: “[...] *eu falo na porta das fábricas: tá ruim com o sindicato, pior sem ele!*” (Entrevistado 1), pois não se sabe de que maneira os sindicatos se manterão caso tais reformas vigorem, devido a retirada da obrigatoriedade da contribuição sindical. Sobre a militância dos trabalhadores filiados ao sindicato, o sindicalista diz que já foram muito mais ativos no movimento dos trabalhadores, prevalecendo atualmente o assistencialismo que o sindicato oferece, sobretudo médico e jurídico, “[...] *ficou morno o povo, os trabalhadores e os dirigentes sindicais [...] acomodaram [...]*” (Entrevistado 1). Quanto à acomodação, o sindicalista aponta o próprio movimento sindical como “culpado”.

Sobre o piso salarial, para os três meses iniciais de experiência, o salário da categoria é aproximadamente R\$ 1.100,00, aumentando pouco mais de cem reais passado esse período de experiência, sendo acrescentado o auxílio creche ou auxílio babá quando é o caso, assim como consta na convenção. É apontado ainda que no setor têxtil há a diferenciação de salário para mulheres e para homens, sendo necessário, para a equiparação salarial, que a trabalhadora recorra à justiça. Vale lembrar que as mulheres são a grande maioria na mão de obra têxtil, tanto na confecção quanto nas demais etapas da cadeia, e tal requerimento à justiça individualiza tal demanda, onde caberia uma movimentação conjunta das trabalhadoras e dos sindicatos.

Questionado se há consciência de classe nos trabalhadores do setor, o sindicalista diz que não há, prevalecendo o senso individual, incentivado, sobretudo, pelo próprio empregador, “[...] *o cara é tecelão e recebe trinta reais por hora, aí tem um outro que o patrão vê que é mais esforçado e fala ‘vou te pagar quarenta por hora, mas você não mostra seu holerite para seu colega [...]*’. *Acontece!*” (Entrevistado 1). Já na década de 70, segundo o mesmo, a consciência de classe era muito maior, “[...] *nóis parava a fábrica à noite, o pessoal vinha pro sindicato, lotava o sindicato [...] todo mundo, não ficava um pelo caminho.*” (Entrevistado 1), sendo apontado que a partir da década de 90 esse cenário muda devido, sobretudo, a diminuição dos postos de trabalho, que intensifica no trabalhador o medo do desemprego e incentiva o senso individual. “*Hoje o patrão fala assim ‘não quer assim? Tenho um exército de mão de obra esperando aí na porta pra ganhar menos que você.’ [...]* por isso eu acho que esse acordo individual entre trabalhador e patrão não é um acordo, é uma facada nas costas.” (Entrevistado 1).

---

<sup>5</sup> No momento de realização da entrevista a contrarreforma Trabalhista estava prestes de ser aprovada.

A entrevista se mostrou de grande importância para o trabalho, tendo sido possível analisar, através das falas dos entrevistados, diversos elementos mostrados nas literaturas. A entrevista no sindicato patronal mostrou como as empresas do setor se eximem de muitas das responsabilidades, como a fiscalização das condições de trabalho em suas próprias fábricas, designando tal tarefa às associações, como a ABVTEX, em uma espécie de terceirização da fiscalização; já quando se trata da questão da terceirização na produção, apresenta o discurso das empresas que não condiz com dados que são mostrados em literaturas, bem como não condiz com a própria ideologia do capital de precarização e flexibilização, ou seja, a terceirização como uma tendência que apenas aumenta. Já a entrevista no sindicato trabalhista se mostrou de grande valia para a compreensão de como a classe trabalhadora se encontra perante as investidas do capital, bem como do próprio Estado na reafirmação dos interesses do capital, através da flexibilização e precarização das relações e condições de trabalho. A entrevista mostrou também a fragilidade ou inexistência da consciência de classe nos trabalhadores, bem como a praticamente inexistente movimentação sindical no sentido reivindicativo e organizativo de luta, sendo um a consequência do outro e ambos consequência das investidas do capital na busca pela obliteração da consciência de classe.

As falas dos sindicalistas, sobretudo do sindicato trabalhista, refletem a crise no sindicalismo que se instala a partir da década de 1980 com o governo neoliberal, e que mesmo nos anos de governo do PT (Partido dos Trabalhadores) não é revertido.

## **Conclusão**

Através dos dados apresentados nesse artigo compreendemos o cenário do setor têxtil no Brasil nas décadas finais do século XX e no início do século XXI. Tal cenário representa o que foi a reestruturação produtiva do capital e as mudanças que essa acarretou, tendo sido sentidas, sobretudo no final da década de 1980 e durante a década de 1990. A grande massa de desempregados no setor, devido, sobretudo, a inserção do maquinário na produção, acarretando na diminuição do contingente de trabalhadores necessários, a precarização e a flexibilização passam então a marcar o setor têxtil, assim como os demais setores produtivos a partir desse período, incluindo-o na nova fase do capitalismo reestruturado marcado pelas variadas formas de flexibilização.

O bairro da Mooca que já correspondeu a um dos principais locais no município de São Paulo a abrigar o setor têxtil até aproximadamente a década de 1980, hoje conserva



apenas algumas características estampadas em sua paisagem que ainda o relacionam a esse passado, seja através dos grandes galpões abandonados que se tornaram rugosidades ou foram destinados a outras atividades - sendo o maior exemplo o Cotonofício Rodolfo Crespi, que um dia já fora a maior indústria da América Latina e hoje abriga um supermercado - seja através da tradição que permanece ali, mesmo que de maneira bem menos significativa para o bairro, mas que ainda é possível encontrar através dos ateliês de costura, das oficinas têxteis que suprem tanto as demandas do próprio bairro como também de outros bairros do município, e lojas de confecção própria. Sendo assim, o bairro da Mooca se mostra como um exemplo das consequências das reestruturações produtivas do capital que modifica o espaço à medida que avança pelo território buscando por condições favoráveis à sua reprodução.

### **Referências Bibliográficas**

ALVES, Giovanni. Rumo à um toyotismo sistêmico. In: ALVES, Giovanni. **O novo e precário mundo do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, Ricardo (org.). Riqueza e miséria do trabalho no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.

ANTUNES, Ricardo. A era da informatização e a época da informalização: Riqueza e miséria do trabalho no Brasil. In: ANTUNES, Ricardo (org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 15-25.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.

CIDADE DE SÃO PAULO. Mooca. Disponível em: <http://www.cidadedesao paulo.com/sp/br/o-que-visitar/atrativos/pontos-turisticos/1420-mooca>. Acessado em: 18 de janeiro de 2017.

COLLI, Juliana. **A Trama da terceirização**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

ENCONTRA SP. História da Mooca. Disponível em: <http://www.encontramooca.com.br/mooca/historia-da-mooca.shtml>. Acessado em 18 de janeiro de 2017.

JINKINGS, Isabella e AMORIM, Elaine R. A. Produção e desregulamentação na indústria têxtil e de confecção. In: ANTUNES, Ricardo (org.) In: ANTUNES, Ricardo (org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 337-385.

MÉSZÁROS, István. Desemprego e precarização: um grande desafio para a esquerda. In: ANTUNES, Ricardo (org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 27-44.

PREFEITURA REGIONAL MOOCA. Histórico da Mooca. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/mooca/historico/index.php?p=435>. Acessado em: 18 de janeiro de 2017.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil. **Território e Sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Submetido em: julho de 2019.

Devolvido para revisão em: setembro de 2019.

Aceito em: setembro de 2019.